

MPB invade FMs argentinas

RITMOS DE VERÃO SÃO HIT NA ARGENTINA, FENÔMENO EXPLICADO PELA ALEGRIA DOS GÊNEROS BRASILEIROS, PELO MERCOSUL E PELA ANTIGA ADMIRAÇÃO DOS VIZINHOS

Mais do que nunca, intérpretes e ritmos brasileiros ou híbridos de brasileiros e argentinos ocupam, sem chances de serem removidos, os primeiros lugares nas paradas das FMs argentinas. A sedução foi lenta, mas eficaz: começou nos anos 60, quando a bossa nova encantava os argentinos de classe média alta, e consolidou-se nos anos 80, quando seus filhos visitaram as praias brasileiras e voltaram com fitas de rock e de axé-music.

Bons antropófagos, como seus vizinhos, os argentinos digeriram o rock brasileiro e deram origem ao formato atual de grupos como Los Pericos e Los Fabulosos Cadillacs. Bandas como Cheira Samba e Axé Bahia já se apresentaram em Buenos Aires, metrópole de 14 milhões de habitantes. Os brasileiros venderam na Argentina mais de 200 mil discos nos meses de verão. O Carrapicho vendeu 60 mil exemplares de *A Festa do Boi Bumbá*. A faixa *Tic Tac* transformou-se em um dos hits do verão argentino, junto com *É o Tchan*, do grupo de mesmo nome.

Um dos pioneiros dessa invasão foram Os Paralamas do Sucesso, que de tanto vir à Argentina quase se transformaram em um grupo argentino. Outro visitante freqüente das paragens argentinas foi o Sepultura. Nos últimos anos, o verão tem ajudado essa interação. "Os jovens argentinos queriam continuar dançando aqui a música que dançavam lá", explica Gabriela Solernou, jornalista que prepara um livro sobre ritmos tropicais.

Daniela Mercury já teve, por esse fenômeno, seu espaço nos pampas, mas com o Carrapicho, porém, outro sucesso brasileiro na Argentina, o trajeto foi diferente. "Os argentinos não foram ao Brasil este ano. Essa música veio diretamente para cá", sustenta, Gabriela analisa a invasão dos gêneros brasileiros mais alegres como um bálsamo contra a melancolia argentina: "As pessoas aqui são muito deprimidas e, com esses ritmos, é como se jogasse a cor cinza da vida pela janela."

Marcela Kartaszewycz, coordenadora de promoção internacional da Sony Argentina, tem sua explicação sobre o fenômeno que afeta os argentinos: "Acho que é pela qualidade, é a música do verão, a música tropical. E como o próprio Mercosul é uma abertura do mercado a música também entra."

Além dos sucessos temporários como os citados, os Titãs possuem, ainda que poucos, permanentes compradores de seus CDs, assim como os Ratos de Porão e o Legião Urbana. É diferente o caso de Xuxa, que só com *Xuxa Dance* já alegria a casa de 74 mil argentinos — mesmo longe da tevê argentina há 4 anos.

Influência permanente

O crítico musical argentino Fernando Garcia considera que, apesar de a recente invasão brasileira ter se dado por meio de um estilo mais popular, ainda hoje pode-se sentir a influência da bossa nova. "Temos artistas como Daniel Melero, que é a

vanguarda da música argentina, que fez um disco meio tecno e meio bossa, *Rocio*."

Los Fabulosos Cadillacs, informa Garcia, tiveram dois hits inspirados no Olodum, *Matador* e *Mal Bicho*. A inspiração não foi bem-vista do lado brasileiro: os argentinos foram processados por plágio.

Los Pericos é um dos grupos com maior influência brasileira. Seu líder e vocalista, aliás, tem o apelido de El Bahiano. Em dez anos de carreira, o reggae do Pericos alcançou o sucesso, misturando ritmos da América Central e do Brasil, como no CD mais recente, *Yerbabuena*. O grupo Los Visitantes reforça a tendência brasileiro-argentina do rock argentino.

Fluxo de lá para cá

A música argentina há muito tenta uma expansão em solo brasileiro. Fito Paez vem se apresentando há pelo menos quatro anos Brasil. Mas, para o crítico Fernando Garcia, não há exatamente uma interação. "Paez mais canta com brasileiros que propriamente mostra uma influência brasileira."

A conexão brasileira de outro monstro sagrado do rock argentino, Charly Garcia, também é de longa data. Seru Girán, o primeiro grupo de Garcia, formou-se em terras brasileiras: Búzios. Durante quase dez anos, Charly Garcia freqüentou assiduamente o País, onde tinha uma namorada.

O espírito do Mercosul também está presente nas gravadoras, diz Marcela Kartaszewycz: "A abertura do mercado brasileiro para a música latina já ocorreu no final de 96, e a trilha sonora da telenovela *Chiquititas* saiu primeiro lá por causa da versão brasileira que iam fazer para a tevê." O grupo Ratonés Paranóicos foi outra ponta-de-lança argentina que teve a atenção especial dos meios de comunicação do Brasil. "Além disso, queremos editar Marcelo Torres, irmão de Diego Torres, que tem ritmos afros", diz Marcela, que se define como "uma fanática por música brasileira".

A principal arma da Sony argentina será Emanuel Ortega, 19 anos, filho de Ramón "Palito" Ortega, espécie de Roberto Carlos argentino. Ele será lançado "com estrondo" este ano no Brasil.

O crítico Fernando Garcia considera que o idioma é o principal obstáculo para o rock argentino ser ouvido no Brasil. "Aqui pega Caetano Veloso, mas Spinetta, seu equivalente, não funciona no Brasil. Há uma admiração pela música brasileira, que possui aquela coisa meio africana, mais atrativa que o rock argentino. Ele mesmo não teria muito o que dar para o Brasil... Para isso existe o rock inglês."

Mesmo assim já há alguma apropriação brasileira do estilo porteño. Além de *Trac Trac*, de Fito Paez, os Paralamas gravaram a canção *Parate y Mira*, de *Los Pericos* (em seu último disco). E Caetano Veloso registrou em *Fina Estampa* uma faixa de Fito Paez.

Ariel Palacios, de Buenos Aires, especial para o JT



O paulistano Derek Lopez, autor 'Batida de Coco', segundo lugar nas FMs argentinas

BRASILEIRO FAZ SUCESSO NOS PAMPAS

É Derek Lopez

Ninguém é profeta em sua terra, diz o ditado, e há brasileiros que o seguem à risca. Derek Lopez é um deles. Ele é autor do hit *Batida de Coco*, na linha afro-brasileira. Paulistano de 30 anos, ex-DJ da discoteca Limelight, há dez anos Derek desembarcou em Buenos Aires para fazer um programa de rádio. Mesmo sem falar espanhol, obteve grande sucesso, pulou para a tevê e agora ocupa o segundo lugar nas paradas das FMs com *Batida de Coco*, que integra seu primeiro CD, *Mística*. A música é a melodia do verão argentino e também fundo musical de uma vinheta de tevê. Hoje, Derek é responsável pelo uso de expressões como "transar" e "curtir" na Argentina.

JT — Você veio para explorar o filão de música brasileira?

Derek Lopes — Não foi proposital. Vim para trabalhar em rádio e tevê e acabei realizando meu sonho: montar meu conjunto e me dedicar à música.

A que você atribui o sucesso da música brasileira na Argentina?

Era inevitável. Finalmente os argentinos estão se vendo como latino-americanos. Sempre houve aquela moda europeia de querer ser meio francês e espanhol. Mas agora está havendo uma certa consciência. O rock está morto aqui. Você vai para uma discoteca e ouve salsa e música brasileira.

E por que a música argentina não tem o mesmo sucesso no Brasil?

É uma questão de ritmo. O argentino não tem fé de que o amanhã será melhor que hoje. Eu quero mostrar que não é assim. Já vendi 2 mil CDs para o Japão. **A.P.**